



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A IDENTIFICAÇÃO DE POSSIBILIDADES DIDÁTICO- METODOLÓGICAS A PARTIR DO OLHAR GEOGRÁFICO DO PROFESSOR

Robson Renato Sales do Nascimento

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) email: Robsonrenatogeografia@gmail.com

Jose Ismael da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-(UERN) email: ismael_swusilva@hotmail.com

Cleanto Fernandes de Sousa

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-(UERN) email Cleaneto_oeste@hotmail.com

Vandygna Emiliana Chaves da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-(UERN) email: vamdygnaemilianarcc_@hotmail.com

Francisca Elizonete de Souza Lima

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – (UERN) e-mail: lilielizonetesouza@gmail.com

Resumo: O papel da Geografia Escolar vem sendo objeto de discussões no âmbito da Educação Formal há muitos anos. Apesar de abordar conteúdos que são essenciais para a formação cidadã de cada sujeito, a disciplina de Geografia tem sofrido com os reflexos das crises epistemológicas que a Ciência Geográfica passou ao longo dos anos. Nesse contexto, um ensino de má qualidade realizado por professores de forma desinteressada, que não buscam fugir do tradicionalismo, tem feito com que os estereótipos relacionados à Geografia se propaguem e que está seja vista como uma disciplina simplória e enfadonha, ou como os alunos dizem decoreba. Em um mundo onde a velocidade da informação torna qualquer acontecimento como um fato instantâneo para todo o globo, a urgência por uma abordagem mais dinâmica e atual torna-se mais que necessária. Nesse sentido, o professor pode se aproveitar das inúmeras influências que permeiam o cotidiano dos alunos sejam elas culturais, sociais ou políticas, utilizando os componentes tecnológicos que são comuns entre os jovens, como celulares, tablets e computadores, para estabelecer um elo entre os saberes geográficos e essa gama de possibilidades. Para tanto, o professor tem que utilizar o seu olhar geográfico para identificar a aplicabilidade de cada componente, pensando os assuntos e os procedimentos didático-metodológicos, para que não acabe fugindo do seu propósito principal. Esse trabalho pretende discutir o papel do professor na identificação das possibilidades didático-metodológicas a partir do seu olhar geográfico, tendo como base para as discussões as experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado.

Palavras-chave: Olhar Geográfico, Ensino de Geografia, Estágio supervisionado.

1 INTRODUÇÃO

A geografia, como disciplina escolar obrigatória no Ensino Básico, tem enfrentado historicamente problemas relacionados ao seu papel na educação formal brasileira, sendo contestada em diferentes épocas pelos representantes de ideologias contrárias ao teor crítico e reflexivo dos conteúdos geográficos. A forma

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

desinteressante e desinteressada como alguns professores norteados por procedimentos didático-metodológicos ultrapassados ensinam geografia, também faz com que esta disciplina seja vista pelos alunos como enfadonha e sem utilidade para a sua vida cotidiana. Para Cavalcanti (2014, p. 94) “Se os alunos não veem sentido no que aprendem se não desejam aprender, não será possível a aprendizagem vinculada à vida, ao cotidiano, uma aprendizagem mais significativa”.

Nesse contexto, percebe-se que o professor, no estabelecimento de sua prática docente, tem a possibilidade de interagir com os alunos, identificando, a partir das suas aspirações e vivências, possibilidades didático-metodológicas passíveis de análise e posterior aplicabilidade em suas aulas. O ponto inicial desse processo é a identificação, por parte do professor, do interesse dos alunos por determinados temas, ferramentas tecnológicas ou manifestações culturais que sirvam de ponte para as abordagens geográficas. Segundo Reffati (2007, p. 66) “Utilizando temas bastante amplos, encontramos na geografia a possibilidade de pensar o mundo, tarefa fundamental na função de educador seja qual for o nível de ensino em que ele atue”.

Os avanços tecnológicos latentes e a fluidez com que a informação atinge os mais longínquos lugares do planeta propiciam para o professor um leque de possibilidades didático-metodológicas, podendo este, através da aplicabilidade dessas ferramentas, construir os saberes formais a partir da vivência dos alunos, tendo em vista o alcance de tais tecnologias na sociedade contemporânea, principalmente entre o público infanto-juvenil.

Observar as particularidades ou pluralidades apresentadas no convívio com os alunos em sala de aula pode ser o elo que o professor precisa para identificar novas possibilidades didático-metodológicas para o ensino de geografia. Para tanto o “olhar geográfico” do professor, deve ser aguçado, para que ele possa construir os saberes geográficos partindo do conhecimento de mundo dos alunos, expresso nos seus interesses e aspirações.

Esse trabalho tem o objetivo de discutir o estabelecimento de novas possibilidades didático-metodológicas, que podem ser pensadas e efetivadas, a partir do olhar geográfico do professor, procurando identificar as carências apresentadas no ensino de geografia contemporâneo, tendo como principal base para a argumentação, as experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado. Nesse sentido, a proposta é entender como as novas tecnologias, influências culturais ou costumes que permeiam o cotidiano dos alunos podem servir como base para a construção dos saberes geográficos.

Na intenção de cumprir os objetivos propostos, foi feita uma revisão bibliográfica a parir de autores que trabalham a temática apresentada e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

discutem o ensino de geografia na contemporaneidade. As discussões estabelecidas nas aulas de Orientação e Estágio Supervisionado em Geografia III (OEG III) na turma do 7º período do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), foram decisivas para a escolha da temática e posteriormente para a construção do trabalho, contudo, as experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado que foi realizado na Escola Estadual Maria Edilma de Freitas na cidade de Pau dos Ferros – RN foram o principal aporte para as discussões elencadas e opiniões aqui expressas.

2 O ENSINO DE GEOGRAFIA: CURRÍCULO E PRÁTICA DOCENTE

O ensino de geografia, nos moldes sociais da contemporaneidade, requer do professor o poder de articulação e visão crítica sobre a realidade vivenciada pelos seus alunos, a fim de estabelecer uma interação entre os conteúdos trabalhados e a vida cotidiana dos sujeitos contemplados. Porém, o fato da ação pedagógica ser norteadada por alguns documentos que estabelecem as diretrizes e os conteúdos a serem aplicados, como é o caso dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), faz com que alguns professores não analisem as propostas criticamente antes de reproduzi-las em sala de aula, e acabem por abordar os conteúdos de forma fragmentada e distante da realidade dos seus alunos. Segundo Pontuchka (2007, p. 76):

A crítica a qualquer documento é benéfica para que os professores possam ser esclarecidos acerca das diferentes concepções originárias das várias correntes de pensamento e verificar, na articulação entre o proposto e a realidade específica da escola, o que se apresenta mais adequado a seu trabalho em Geografia.

A análise de tais propostas curriculares deve ser uma prática cotidiana do professor e deve se estender até o próprio livro didático, ferramenta muito importante para o processo de ensino/aprendizagem, mas que, da mesma forma, é passível de críticas e alterações de conteúdo por parte do educador na sua prática pedagógica. Na concepção de Pontuschka (2007), para trabalhar com qualquer proposta sugerida por órgãos oficiais, é preciso ter o cuidado de não sacralizar um trabalho homogeneizado, que se aplica a diversidades distintas, sendo que essas apresentam as suas peculiaridades.

Diante da pluralidade cultural, étnica, religiosa e social existente no Brasil, manter um currículo enrijecido, que não contemple essas diferenças, só ajuda na consolidação de práticas segregacionistas que permeiam o nosso cotidiano, historicamente. Quando o professor procura trazer a realidade dos alunos para a



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sua prática docente, ele acaba contribuindo não só para a inserção das práticas cotidianas dos alunos no processo de ensino/aprendizagem, como também na otimização do seu atuar pedagógico, na medida em que a dimensão e o alcance dos saberes estudados adentram na realidade vivida por cada aluno, que pode assimilar esses novos conhecimentos e aplicá-los no seu dia-a-dia entre os sujeitos que habitam o seu espaço.

Pensar em um ensino que rompa com a simples reprodução das propostas curriculares é uma tarefa importante para todo educador, pois ele é o sujeito que representa a escala mais próxima do aluno no sistema educacional, e é nela, no âmbito da sala de aula, onde o seu atuar será decisivo na formação cidadã de cada aluno.

3 O OLHAR GEOGRÁFICO DO PROFESSOR DIANTE DA REALIDADE DOS SEUS ALUNOS

No cenário apresentado anteriormente, onde o professor se vê cercado de propostas pré-estabelecidas para a sua prática de ensino, percebe-se que uma gama de especificidades relativas às vivências cotidianas dos alunos, sejam elas na sua comunidade, bairro, cidade ou até mesmo na sua casa, podem ser o ponto de partida para o estabelecimento de uma aula mais proveitosa e dinâmica.

Hoje em dia, as relações estabelecidas são sempre entrelaçadas em uma teia complexa, dinamizada pela força e a velocidade da informação onde o sujeito pode interagir com realidades distintas em qualquer lugar do planeta. As influências culturais, sociais e comportamentais adquiridas a partir dessas experiências, podem interferir positiva ou negativamente no aprendizado dos alunos, dependendo de como o professor vai encarar o desafio de tentar ser mais atrativo e interessante do que essas forças externas que capturam todas as atenções dos seus alunos.

Nesse momento, surge a oportunidade do professor aproveitar o interesse dos alunos por tais ferramentas e comportamentos para, através do seu “olhar geográfico” identificar a Geografia contida naquele elemento, e dessa forma, associá-lo a determinado tema trabalhado pela Ciência Geográfica que está previsto em seu planejamento. Segundo Azambuja (2011, p. 196) “Uma das aproximações evidenciadas em todas estas metodologias de ensino é a organização ou definição de temas de estudo. O tema significa a parte ou a delimitação do que vai ser estudado”. Sendo assim, pensar e (re) pensar os temas a partir da vivência e do interesse dos alunos, pode vir a ser o primeiro passo para uma aula agradável e substancialmente proveitosa.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O uso massificado de componentes tecnológicos como o celular, aliado à problemática alavancada pela super exposição na internet, costume bastante difundido entre os jovens, pode ser um elo para a abordagem de temas transversais, que são propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), como a sexualidade, a violência, ou mesmo a saúde. Concomitantemente, esses conteúdos podem estar embasados em discussões propriamente geográficas, como é o caso da globalização, levando em consideração a velocidade com que as informações, os conteúdos de apelo sexual, ou as doenças, podem atingir proporções e dimensões em esferas locais ou até mesmo, mundiais.

Através do seu “olhar geográfico” é que o professor poderá propor discussões e aproximar os conteúdos dos anseios expressos nas atitudes e vivências dos alunos. Cabe a cada educador, se dar o trabalho de observar, analisar, interferir, mediar e concretizar as suas aspirações em torno das problemáticas apresentadas. Levar em consideração os costumes dos alunos torna-se uma tarefa essencial para a realização de uma prática de ensino que contemple esses aspectos. Cada aluno tem muito o que aprender, mas também, tem muito para nos ensinar.

4 OBSERVAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO ESTÁGIO

O Estágio Supervisionado em Geografia III (OEG III) constitui-se como Componente Curricular obrigatório da grade curricular do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM). A atuação na sala de aula, na fase relatada nesse trabalho, se restringe a observação das aulas de uma turma específica de Ensino Médio.

A Escola Estadual Professora Maria Edilma de Freitas, localizada na cidade de Pau dos Ferros – RN foi o campo de estágio onde foram realizadas as observações que embasaram esse trabalho. Durante o período de 28 de março a dezesseis de maio de 2016, foram observadas as aulas de Geografia da turma do 2º Ano 1 do turno vespertino.

Durante a observação das aulas, ficaram perceptíveis alguns pontos importantes pertinentes ao atuar pedagógico da educadora, tendo em vista a boa relação da professora com os seus alunos. Por ser uma pessoa aberta ao diálogo, e comprometida com um ensino de qualidade para os seus alunos, ela sempre procurou estabelecer uma relação de recíproco respeito, mas que deixasse espaços para que os alunos se expressassem e contribuíssem para o planejamento das suas ações.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O interesse da turma pelo cinema foi utilizado em duas ocasiões para estabelecer conexões entre os conteúdos trabalhados. A exibição dos filmes, “Um dia depois de amanhã” e “Serra Pelada” serviram como aporte didático-metodológico para discutir as temáticas abordadas – o clima e a extração de Recursos Minerais – o que criou um canal de diálogo, entre professora e alunos, que empolgados com o filme, acabaram discutindo os assuntos de uma forma agradável e interessada.

Outro momento interessante foi a aplicação de um “jogo geográfico” para a revisão do assunto trabalhado. O jogo consistia em um dominó com 28 peças, que foram distribuídas entre quatro grupos, que disputaram entre eles, através das perguntas e respostas contidas em cada peça. A utilização desse método didático se mostrou muito satisfatória, tendo em vista o envolvimento dos alunos com a atividade.

Em outros momentos onde a professora lecionava utilizando métodos mais tradicionais, como o quadro branco e o pincel, os alunos demonstravam-se mais inquietos e sentiam dificuldade em acompanhar as aulas pelo próprio barulho que faziam.

Percebe-se, observando os discursos dos alunos e os seus modos de vida, onde as tecnologias estão sempre presentes, que a interferência de fatores externos que prendem a atenção sendo, para eles, mais interessantes do que a própria aula, fazem com que o aprendizado seja prejudicado. Os componentes eletrônicos como tablets, notebook e principalmente os aparelhos celulares podem ser os grandes vilões para o processo de aprendizado dos alunos, mas em contrapartida podem ser verdadeiros aliados.

Segundo Tonetto (2014) diante deste cenário, onde a tecnologia move a humanidade, a escola enfrenta o enorme desafio de não ficar alheia e simplesmente ignorar estes novos potenciais tecnológicos que adentram seu espaço, pois eles podem proporcionar diferentes formas de acessar a informação e até mesmo construir o conhecimento, e dessa forma, devem ser pensados no planejamento e nas práticas docentes. Diante da necessidade de aproximar a realidade dos alunos da prática de ensino, esses aparelhos podem proporcionar boas possibilidades, onde com a mediação do professor, podem ser aproveitadas ao máximo.

Durante as aulas observadas, ficou claro o comprometimento da professora com uma educação de qualidade, e também o potencial que parte da turma apresentou para compreender os assuntos. Apesar da indisciplina e do comportamento descompromissado de alguns alunos, ficou perceptível as potencialidades e o interesse deles com relação à utilização de aparelhos eletrônicos. Utilizar esse viés para trazer novas abordagens didático-metodológicas pode ser uma boa proposta para aplicar nessa turma, e assim, a partir do olhar geográfico da professora, se realizar um planejamento



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

que leve em consideração os aspectos da Ciência Geográfica.

4.1 AS OFICINAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS COMO POSSIBILIDADES PARA A DISCUSSÃO DOS TEMAS TRANSVERSAIS.

Para finalizar o período de Estágio, foram realizadas, na Escola Estadual Professora Maria Edilma de Freitas, Oficinas Pedagógicas sobre alguns dos temas transversais propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Segundo os PCNs (1998, p. 42)

Alguns temas transversais, como Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde, Trabalho e Consumo, são parte dos conteúdos da Geografia. Portanto, considera-se que o professor possa estabelecer a maior interface com os temas transversais definidos para os Parâmetros Curriculares Nacionais. Evidentemente, a Geografia tem o seu olhar próprio e por isso criou-se, neste documento, um espaço para reconhecimento da abordagem geográfica dos temas.

Nesse sentido, as oficinas pedagógicas foram elaboradas e posteriormente executadas, com o propósito de relacionar as temáticas trabalhadas com os conteúdos geográficos, mantendo sempre um elo entre o assunto e o componente espacial.

As oficinas foram ministradas entre os dias 23 e 24 de maio de 2016, nas turmas de Ensino Médio de todos os turnos. Os resultados obtidos com essa atividade foram muito proveitosos, tendo em vista o comprometimento e a participação dos alunos com a atividade, além da receptividade dos funcionários da escola que receberam a todos com muita atenção e cordialidade.

Na oportunidade, ministramos uma oficina sobre “Orientação Sexual” onde pudemos estabelecer discussões sobre as taxas de natalidade e fecundidade em todo o mundo, mostrando como os movimentos feministas e a popularização dos anticoncepcionais contribuiu para a diminuição dessas taxas. Além disso, foram abordados outros temas relacionados as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e aos métodos preventivos. Durante toda atividade, foi estabelecida uma interação entre os alunos e os ministrantes que facilitou a aprendizagem e tornou o momento mais proveitoso e agradável.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sujeitos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem estão envolvidos em uma conjuntura social bem mais complexa do que a micro-escala da sala de aula. Observar a diversidade ou a singularidade de cada sujeito se mostra como um exercício fundamental para o estabelecimento de uma prática docente mais humana e integrada com a realidade dos alunos.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Ouvir, entender, identificar, intervir, propor e modificar a realidade a partir das aspirações e anseios dos alunos são posicionamentos que o professor deve tomar enquanto mediador da construção dos saberes formais, tendo em vista a proposta de formar sujeitos cidadãos conscientes dos seus deveres e direitos.

A partir da observação e do “olhar geográfico” sobre as mais diversas problemáticas apresentadas, o professor deve metamorfosear-se em um agente de transformação e conscientização, aproveitando o interesse dos alunos por determinados temas para inserir os saberes geográficos de uma forma agradável e mais proveitosa.

Apesar dos percalços da vida docente, dos baixos salários, das péssimas condições de trabalho apresentadas nas instituições públicas e da atual conjuntura política, social e ideológica do nosso país, o professor que se compromete em lutar, dentro das suas condições, por um futuro melhor para ele e para os seus alunos, pode usar o canal da interação com os mesmos, para assim, tentar entendê-los e aproximar a sua prática do cotidiano desses sujeitos. Nesse sentido, cabe a cada educador, identificar e por em prática, essas possibilidades didático-metodológicas, para que assim, ele possa buscar melhores resultados no seu atuar pedagógico.

REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, Leonardo Dirceu de. Metodologias Cooperativas para ensinar e aprender geografia. In: CALLAI, Helena Copetti (org). **Educação geográfica: reflexão e prática**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia Escolar e a sociedade brasileira contemporânea. In: TONINI, Ivaine Maria (org). **O ensino de geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Mediação, 2014.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A disciplina escolar e os currículos de Geografia. In: _____. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais : geografia / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília : MEC/ SEF, 1998. 156 p.

REFFATTI, Lucimara Vizzotto. A construção conjunta do conhecimento em sala de aula – entre o espaço “é tudo free” e a responsabilidade social. In: Rego, N; Castrogiovanni, A. C; Kaercher, N. A. **Geografia**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

TONETTO, Élide Pasini; TONINI, Ivaine Maria. Redes Sociais nas Práticas Escolares da Geografia. **Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia**. Florianópolis, SC, v. 1, n. 1, out. 2014. P. 172-189.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br